

*A conference was held in Prague, Czech Republic, in November 2002 that was entitled “Issues Confronting the Post-European World” and that was dedicated to Jan Patočka (1907-1977). The Organization of Phenomenological Organizations was founded on that occasion. The following essay is published in celebration of that event.*

## Essay 10

# **Análise reflexiva em e sobre Psicologia Social Um Modelo para a Fenomenologia Interdisciplinar**

(tradução livre para o Português – Brasil)

© Lester Embree

Department of Philosophy, Florida Atlantic University

[embree@fau.edu](mailto:embree@fau.edu)

The Organization of Phenomenological Organizations

[www.o-p-o.net](http://www.o-p-o.net)

### Resumo

Em primeiro lugar é focalizado de que maneira “fenomenologia” pode ser definida como análise reflexiva. Em seguida é mostrado como a teoria de ciência (*Wissenschaftslehre*) está preocupada com definições, conceitos básicos e postulados metodológicos, além de uma perspectiva na qual a teoria filosófica da ciência e a teoria da ciência diferem entre si. A seguir, a descrição de “O Estrangeiro” de Alfred Schutz é resumida para mostrar que esta é uma análise reflexiva no contexto da Psicologia Social e, finalmente, como a Psicologia Social pode ser analisada reflexivamente na teoria da ciência.

### Introdução

A Psicologia Social é uma ciência cultural: uma ciência porque, em contraste com as técnicas práticas, cientificamente fundamentadas, como a Psicoterapia, seu interesse imediato está no conhecimento em si; é uma ciência cultural porque seu tema central integra o mundo sociocultural. O presente estudo tentará mostrar que a Psicologia Social, e a teoria desta ciência, podem ser desenvolvidos fenomenologicamente.

The copyright on this text belongs to the author. The work is published here by permission of the author and can be cited as “*Essays in Celebration of the Founding of the Organization of Phenomenological Organizations*. Ed. CHEUNG, Chan-Fai, Ivan Chvatik, Ion Copoeru, Lester Embree, Julia Iribarne, & Hans Rainer Sepp. Web-Published at [www.o-p-o.net](http://www.o-p-o.net), 2003.”

Usualmente os fenomenólogos são perguntados o que significa “fenomenologia”. Eles podem responder uma “análise reflexiva.” Esta resposta pode ser seguida de duas explicações, um para “análise,” e o outro para “reflexão.”, e que pode ser contrastado com a investigação pura e simples. “Reflexão pode significar positivamente como tendo uma preocupação com *objetos-como-encontrados*, como também uma preocupação com o encontrar deles, i.e., com ambos “*noema e noesis*”. Apesar de eventualmente incluir o pensar, encontros sempre incluem - em seu sentido amplo, componentes de querer, valorizar e vivenciar e tem maneiras de doação, como também características de convicção, valores, e utilização do seu *objeto-como-encontrado*. A “análise” consiste em umas séries de distinções, clarificadas com exemplos, e não argumentos a favor ou contra determinadas teses. Talvez os partidários do que é chamado de filosofia “argumentativa” e ciência não podem compreender isto. Para eles, todas as descrições científicas devem ter uma forma dedutiva, que a maioria das fenomenologias não tem.

Entender a fenomenologia especificamente sócio-psicológica e, de um modo diferente, especificamente filosófica, requer considerar inicialmente que muitos fenomenólogos dedicaram intensa energia ao questionamento metafísico do Ser enquanto Ser. Esta perspectiva original de *Wissenschaftslehre* ou *Wissenschaftstheorie*, i.e., da teoria da ciência, ou, melhor, da teoria científica, de onde os dois questionamentos do presente estudo emergem, foi continuado nos Estados Unidos pelo trabalho de Aron Gurwitsch, Alfred Schutz, e por alguns de seus seguidores.<sup>1</sup>

Nos estudos de Schutz, a teoria de ciência envolve a prática concreta dos cientistas de uma determinada disciplina ou tipos de disciplinas, com a finalidade de definir aquela disciplina, clarear seus conceitos básicos, e para explicitar os procedimentos científicos pertinentes. Existe uma tendência natural nas ciências culturais de refletirem sobre estes mesmos temas, i.e., os membros de uma disciplina científica praticam a teoria da ciência sobre o que eles fazem. Esta tendência contribui para uma comunicação significativa entre os filósofos e

---

<sup>1</sup> Aron Gurwitsch, *Phenomenology and the Theory of Science*, ed. Lester Embree (Evanston, IL: Northwestern University Press, 1974) e Alfred Schutz, *Der sinnhafte Aufbau der sozialen Welt. Eine Einleitung in die verstehende Soziologie* (Vienna: Springer Verlag, 1932), Trad. Inglês.: *Phenomenology of the Social World*, trans George Walsh and Frederick Lehnert (Evanston, IL: Northwestern University Press, 1967); *Collected Papers I: The Problem of Social Reality*, ed. Maurice Natanson (The Hague: Martinus Nijhoff, 1962); *Collected Papers II: Studies in Social Theory*, ed. Arvid Brodersen (The Hague: Martinus Nijhoff, 1964); *Collected Papers III: Studies in Phenomenological Philosophy*, ed. Ilse Schutz (The Hague: Martinus Nijhoff, 1966); *Collected papers IV*, ed. Helmut Wagner and George Psathas with Fred Kersten (Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996). Os *Collected Papers* de Schutz serão referenciados por volume, numero e página).

cientistas. Contudo, há uma diferença importante entre a teoria da ciência filosófica e a teoria da ciência, quando desenvolvida em disciplinas não-filosóficas. Neste último, a preocupação tende a estar com os temas de definição, conceitos básicos e procedimentos, mas somente como pertencentes àquela disciplina particular em questão, enquanto que os filósofos estão interessados nos mesmos como pertencendo a tipos de ciência.

Em outras palavras, o interesse filosófico é geral enquanto que o interesse científico é particular. A diferença imediata entre os interesses geral e particular pode ser suficiente para diferenciar os papéis em discussões entre filósofos e cientistas. Tais discussões beneficiam a ambos: os filósofos aprendem como a pesquisa é concretamente desenvolvidas nas disciplinas sobre as quais eles querem filosofar e os cientistas aprimoram-se na ciência, já que eles passam a entender melhor o que eles já estão qualificados a fazer. Esta distinção não exclui diferenciações outras e mais aprofundadas da abordagem fenomenológica filosófica e científica.

## I. Análise reflexiva em Psicologia Social

É apropriado refletir sobre estudos concretos em uma disciplina em particular. Desta forma, o estudo de Alfred Schutz, intitulado “*The stranger: an essay in Social Psychology*” [O Estrangeiro: um estudo em Psicologia Social] (1944), será referido na análise a seguir. Este estudo foi escrito logo após a emigração de Schutz para os Estados Unidos da América para, posteriormente, escrever “*The Homecomer*” [Aquele que volta para casa] (1945) que é semelhante; este último foi publicado em um periódico de sociologia. Presumivelmente ele estava preocupado em estabelecer suas credenciais em um período de tempo anterior a ter se firmado na posição de docente de sociologia. Com a possível exceção de “*The Well-informed Citizen: an essay on the social distribution of knowledge*” [O Cidadão Bem Informado: um estudo sobre a distribuição social do conhecimento] (1946), todos os outros trabalhos de Schutz são filosóficos. Quando Leo Strauss recomendou-o como um sociólogo filosoficamente sofisticado, por escrever “*Equality and the Meaning-Structure o the Social World*” [Igualdade e a Estrutura do Significado do Mundo Social] (1955), Schutz respondeu que ele preferiria ser considerado um filósofo sociologicamente sofisticado.<sup>2</sup>

Nos estudos de Schutz, a análise reflexiva é desenvolvida com ênfase na articulação primária sobre o que é refletido, em vez da abordagem pela qual é refletida. Identifica-se aqui a expressão de Edmund Husserl “análise do

---

<sup>2</sup> Sou grato ao Prof. Michael Barber por esta informação do *Schutz Nachlass* [Herança do Schutz].

*noético-noemático*,” i.e., a análise do encontro e do *objeto-como-encontrado*. Na sua obra “O Estrangeiro”, Schutz focaliza o modo como o padrão cultural de um grupo é interpretado por um estrangeiro quando este se aproxima e procura orientar-se dentro deste mesmo grupo. Ele (Schutz) define o estrangeiro como um ser humano adulto de uma civilização contemporânea “que procura ser aceito permanentemente ou pelo menos tolerado pelo grupo do qual ele se aproxima.” (II 91). Um imigrante, como Schutz, é um exemplo paradigmático de tal estrangeiro. Por conta da quantidade de especificações requeridas, ele exclui desta consideração, “a visita ou o convidado que pretendem estabelecer um contato meramente transitório com o grupo” (idem).

Schutz toma como o ponto de partida “como o padrão cultural de vida grupal apresenta-se ao senso comum de um homem que vive sua vida cotidiana dentro do grupo, entre os seus membros” (II 92). Desta forma, ele inicia seu estudo em termos *noético-noemático*, ou pelo menos em termos *noemáticos*. Em seguida ele distingue uma outra maneira pelo qual tal padrão pode se apresentar: “Este padrão cultural, como qualquer fenômeno do mundo social, tem um aspecto diferente para o sociólogo e para o homem que age e pensa neste contexto.” (idem).

O sociólogo (como sociólogo, não como um homem entre iguais, que ele permanece na sua vida privada) é o espectador científico desinteressado do mundo social. Ele é desinteressado por se abster intencionalmente de participar da rede de planos, relações de meios-e-fins, motivos e chances, esperanças e medos que o ator no mundo social utiliza para interpretar suas experiências; como cientista ele tenta observar, descreve, e classifica o mundo social tão claramente quanto possível em condições bem ordenadas, conforme os ideais científicos de coerência, consistência, e consequência analítica.

Porém, o ator no mundo social, vivencia este mundo inicialmente como um campo de seus atos atuais e possíveis e apenas em segundo lugar como um objeto de seu pensamento. Na medida em que ele está interessado em conhecer o seu mundo social, ele (ator) não organiza este conhecimento em termos de um sistema científico mas em termos de relevância para as suas ações. Ele organiza o mundo ao seu redor – tendo-se como centro, como um campo de dominação e se interessa então especialmente por aquele segmento que está ao seu alcance concreto ou em potencial. (II 92-93; parágrafo modificado)

Schutz prossegue distinguindo duas situações na vida cotidiana. Primeiro ele mostra que para aqueles já integram o grupo, o mundo social é suficientemente coerente, claro, e consistente “para dar qualquer pessoa uma chance razoável de entender e de ser compreendido” (II 95). “O conhecimento relacionado ao padrão cultural tem sua evidência em si - ou então, é tomado como certo na ausência de evidência do contrário. É um conhecimento de receitas confiáveis para interpretar o

mundo social e para manipular coisas e homens a fim de obter os melhores resultados em toda situação com um mínimo de esforço evitando conseqüências indesejáveis” (idem).

Contudo, para o estrangeiro, a situação apresenta-se de modo diferente. Para ele o padrão cultural do grupo ao qual se aproxima não tem a autoridade de um sistema testado de receitas, e isto, se por nenhuma outra razão, ocorre porque ele não participa da tradição histórica vivida, através da qual este grupo foi formado. Do ponto de vista do estrangeiro, a cultura do grupo, de que se aproxima, tem sua história peculiar. Esta história é acessível a ele, mas nunca se tornará uma parte integrante da sua biografia, como a história do seu grupo originário (de casa). Só o modo de vida de seus pais e avôs tornam-se, para qualquer um, os elementos de sua própria vida. Reminiscências não podem ser transferidas nem podem ser conquistadas. Assim, o estrangeiro aproxima-se de um outro grupo como um recém-chegado no verdadeiro significado do termo. Na melhor das possibilidades ele pode querer, e ser capaz, de compartilhar o presente e o futuro com o grupo de que se aproxima em experiência vivida e imediata; contudo, sob todas as circunstâncias, ele permanece excluído de experiências de seu passado. Do ponto de vista do grupo aproximado, ele é um homem sem história. (II 96-97)

Em seguida, Schutz descreve como a atitude do estrangeiro muda de um espectador desinteressado em um membro em potencial; aos poucos, o padrão cultural torna-se algo a ser dominado. O padrão cultural, inicialmente distante, torna-se próximo, seus espaços vazios são preenchidos por experiências vividas, e estereótipos existentes se desintegram. A imagem formada externamente torna-se inadequada, por não ter sido formado com a finalidade de provocar uma resposta nos membros internos do grupo. Os outros, do grupo aproximado somente são objetos de observação e interpretação e não de interação e participação. Porém, uma vez no grupo, o estrangeiro pode ficar chocado por descobrir que as situações parecem diferentes e de que a transformação da interpretação anterior, para aquela que a nova situação requer, não ocorre facilmente. Ele precisa estar inserido no novo grupo para que possa “ter um ponto de partida para se posicionar” (II 99).

Além disso, “o padrão cultural e suas receitas só representam uma unidade de esquemas coincidentes de interpretação e expressão para os membros originários do grupo.” (idem). Para o estrangeiro não existe tal unidade. O aspecto central não é apenas o idioma. O modo com que o estrangeiro e o membro originário do grupo experimentam o padrão cultural reflete a diferença entre aprender um idioma novo e se expressar com o domínio habitual do nativo. Como aponta Schutz, “para dominar um idioma livremente, como um esquema de expressão, a pessoa deve ter escrito cartas de amor neste idioma; a pessoa tem que saber como rezar e amaldiçoar e como dizer coisas com todos os nuances,

apropriados tanto ao destinatário como para a situação” (II 101). De modo semelhante, no que se refere a todo padrão cultural – que inclui ação, como também expressão e compreensão, “ podemos dizer que o membro originário do grupo visualiza, em um único relance, as situações sociais normais e imediatamente lança mão da receita apropriado para sua solução” (idem).

Finalmente, pode ser mencionado que, para o estrangeiro não existe o sentimento de distância social e assim oscila entre a distância e intimidade. Assim para o estrangeiro, o padrão cultural não é um abrigo mas uma aventura, enquanto que para o grupo aproximado o estrangeiro tem uma lealdade duvidosa como também um determinado tipo de objetividade. “Mas, muito freqüentemente o questionamento da lealdade origina-se na surpresa dos membros originários do grupo de que o estrangeiro não aceita a totalidade de seu padrão cultural como o modo natural e apropriado de vida e como o melhor de todas as possíveis soluções de qualquer problema” (II 104-105).

A objetividade do estrangeiro não pode ser explicada suficientemente por sua atitude crítica. Ele não está compromissado com os “ídolos da tribo” e tem um vivo sentimento de incoerência e inconsistência em relação ao padrão cultural aproximado. Esta atitude origina-se, muito mais na necessidade de adquirir pleno conhecimento dos elementos do padrão cultural aproximado e examinar, com este propósito, com cuidado e precisão o que parece auto-explicativo aos membros do grupo aproximado, do que na tendência de julgar o grupo, recentemente aproximado, pelos padrões que trouxe do seu próprio grupo. Porém, a razão fundamental para a sua objetividade, reside na sua própria amarga experiência dos limites do “pensando como sempre,” que o ensinou que um homem pode perder seu *status*, suas regras de orientação, e até mesmo a sua história e que o modo normal de vida nem sempre é a garantia do que lhe parecia ser. (II 104)

Existem vários outros aspectos que poderiam ser abordados neste estudo de Psicologia Social, mas acredito que os anteriormente relacionados são o bastante para mostrar que o mundo social apresenta-se de modo diferente sob diferentes perspectivas, i.e., o que a análise reflexiva pode alcançar na Psicologia Social. Além de distinguir o psicólogo social daqueles que são investigados, falta focalizar o ponto de vista do teórico da ciência, que será abordado a seguir.

## **II. Algumas Análises Reflexivas sobre Psicologia Social**

Do ponto de vista de Schutz, isto é, da teoria filosófica da ciência, a Psicologia Social, por exemplo, não está comprometida com, mas é objeto de reflexão. Há três tarefas centrais para esta teoria, i.e., (a) a definição da disciplina,

(b) a clarificação de seus conceitos básicos, e (c) a articulação de postulados metodológicos relevantes.

**a) O que é Psicologia Social?** Schutz não oferece uma definição de Psicologia Social, mas um conceito pode ser refinado. Para começar, Psicologia Social é uma ciência porque é desenvolvida mediante uma atitude destacada e contemplativa; segundo, a Psicologia Social não é como a lógica e a matemática pois se preocupa muito mais com o conteúdo do que com as meras formas. Em terceiro lugar, não é uma ciência natural pelo fato de não abstrair porém focalizar, de modo empático, as interpretações de senso comum que acontecem no mundo sociocultural. Em quarto lugar, a Psicologia Social apresenta, predominantemente, características das ciências sociais e não das ciências históricas, já que focaliza contemporâneos – outréns numa mesma temporalidade, enquanto que as ciências históricas também incluem os antecessores no seu objeto de estudo.<sup>3</sup> O foco das reflexões filosóficas de Schutz está nas características das ciências sociais, e o que ele tem que dizer sobre disciplinas específicas, como por exemplo, sobre a economia de utilidade marginal.

Schutz na verdade não focaliza a especificidade das diferentes ciências sociais e parece pouco preocupado com isto.<sup>4</sup> No que se refere a Psicologia Social, ele apenas menciona que “Pelo fato das experiências serem pouco prováveis na economia e na sociologia propriamente dita, foi descartado a possibilidade dos psicólogos e os psicólogos sociais organizarem, pelo menos até certo ponto, experiências de laboratório.”<sup>5</sup> Isto não é uma característica definidora da Psicologia Social. Este autor (Embree) entende que a Psicologia Social difere de outras ciências sociais por sua ênfase no indivíduo típico, em vez de grupos e dos quais é um membro. Talvez as outras ciências sociais têm a ênfase oposta – nas ciências históricas a ênfase pode dar-se na biografia. A verdade deste entendimento pode ser avaliada consultando psicólogos sociais que refletem sobre a sua própria disciplina, i.e., que estão interessados na teoria da ciência científica. Aqui a primeira pergunta da Teoria da Ciência Schutziana foi levantada, pelo menos para Psicologia Social.

---

<sup>3</sup> Cf. Lester Embree, “A Problem in Schutz’s Theory of the Historical Sciences with an Illustration from the Women’s Liberation Movement,” *Human Studies*, no prelo.

<sup>4</sup> “[W]e have a series of well-advanced sciences which nevertheless cannot adequately define their subject matter. Biology cannot explain what life really is; medicine has no satisfactory definition of health and disease ...” Alfred Schutz, *Reflections on the Problem of Relevance*, ed. Richard M. Zaner (New Haven: Yale University Press, 1970), 99.

<sup>5</sup> Alfred Schutz, “Positivistic Philosophy and the Actual Approach of Interpretative Social Science: An Ineditum from Spring 1953,” ed. Lester Embree, *Husserl Studies*, 14 (1998), 127;. Referenciado, a partir daqui como PP.

**b) Conceitos Básicos.** Mesmo que não se reconheça, explicitamente, que a teoria da ciência de Schutz inclui a clarificação de conceitos básicos (*Grundbegriffe*), provavelmente é porque, enquanto claro em escritos dos anos trinta, esta clarificação é mencionada apenas uma única vez nos seus escritos americanos. Um conjunto de “conceitos básicos” encontra-se listado na primeira página do *Der Sinnhafte Aufbau der Sozialen Welt* [A construção significativa do mundo social] (1932): “Dentre estes conceitos estão os da interpretação da própria experiência e de outrém, o estabelecimento e interpretação de significado, símbolo e sintoma, motivo e projeto, adequação do significado e causal, e, acima de tudo, a natureza da formação do conceito típico-ideal ...” (trad. inglês., pág. xxxi). Estes conceitos básicos são claramente pertinentes a Psicologia Social e não requerem discussões adicionais, exceto para afirmar que a relação listada não está completa.

**c) Postulados metodológicos.** Um estudo completo dos postulados metodológicos de Schutz ainda precisa ser publicado, talvez porque estes não sejam de fácil sistematização. Ele oferece listas diferentes de postulados — por exemplo, consistência lógica, interpretação subjetiva, e adequação (I 43-44), ou relevância, adequação, consistência lógica, e compatibilidade (II 18-19) — sendo que muitos destes postulados são combinados compondo o postulado de racionalidade (II 86). Então novamente, ele faz comentários, por exemplo, “Assim como o postulado metodológico básico das ciências naturais é investigar eventos na natureza, independente de qualquer fator humano envolvido, o postulado básico das ciências sociais é investigar o que acontece no cenário social em termos do fator humano” (PP 135). Além disso, enquanto Schutz claramente defende que se deve adotar uma atitude teórica para que se faça ciência, em nenhum momento ele denomina esta atitude de postulado, apesar do mesmo poder ser explicitado como tal. No que se refere à Psicologia Social, caracterizada como uma disciplina que focaliza o indivíduo em relação aos seus contemporâneos, outros postulados requerem ser explicitados.

Para finalizar, o que pode ser dito sobre o ponto de vista de teoria da ciência em si para Schutz? Um fenomenólogo, pouco familiarizado com Schutz, poderia de imediato pensar no projeto de fundamentar as ciências do mundo na intersubjetividade transcendental. Ele estava familiarizado com este projeto, mas considerou a psicologia fenomenológica, i.e., o que Husserl também denominou de “a fenomenologia constitutiva da atitude natural,” suficiente o bastante para esta tarefa teórica e científica. (I 136-37; IV 108) Não apenas o *status* intramundano das vidas conscientes de indivíduos relativo a outros seres vivos não é suspenso pelo psicólogo social como o *ser-no-mundo* da prática da Psicologia Social não é suspenso pelo teórico da ciência, seja cientista ou filósofo, como até mesmo a

teoria filosófica da ciência é praticada por Schutz na atitude natural.<sup>6</sup> Consequentemente, a preocupação geral, no que concerne às definições, aos conceitos básicos, e aos métodos dos tipos de ciência, contrastam com preocupações específicas e restritas de cientistas, mencionado no início deste estudo. Isto se torna crucial para diferenciar a teoria filosófica da ciência da teoria científica da ciência, uma diferenciação que aparentemente não parece impedir mas, ao contrário, estimular a comunicação interdisciplinar e beneficiar ambas as partes.

---

<sup>6</sup> A expressão “fenomenologia constitutiva da atitude natural” provém de Husserl, “Nachwort zu meinen ‘Ideen...’” traduzido para o inglês *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy, Second Book*, trans. Richard Rojcewicz and André Schuwer (Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989), 426.